

OESP
27/8/97 C-6
32

SERRA DO JAPI

José Maria Tomazela/AE

Exploração de rochas preocupa ambientalistas

Estudo indica que extração do granito ameaça acabar com os matacões da região

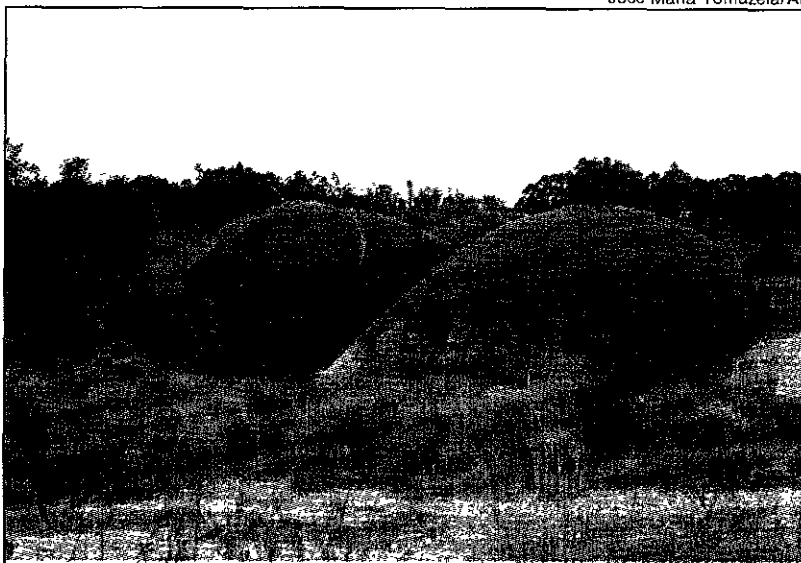
JOSÉ MARIA TOMAZELA

ITU — A exploração indiscriminada dos matacões, enormes rochas de granito arredondado, que afloram nas encostas da Serra do Japi, entre Itu, Salto, Cabreúva e Jundiá, na região leste do Estado, está preocupando os ambientalistas. Estudo do Instituto Geológico de São Paulo, divulgado pela Associação Ituana de Proteção Ambiental (Aipa), indica que a exploração das rochas — para a fabricação de paralelepípedos, mourões de cerca e pisos — começou há quase um século e intensificou-se de forma descontrolada, ameaçando acabar de vez com os matacões.

De uma área de cerca de 10 mil hectares, com 30 pontos de extração, estão saindo diariamente cerca de 500 mil peças talhadas, entre paralelepípedos, mourões e lajes. O corte desse material implica na destruição de pelo menos 30 rochas de grande porte por dia. Nenhum órgão controla a atividade.

De acordo com o geólogo Ricardo Strieder, do Departamento Nacional da Produção Mineral, a extração de qualquer mineral só pode ser feita com licença do órgão. Mas a fiscalização é difícil, segundo ele. "Só fazemos vistorias quando há uma denúncia formal encaminhada, por exemplo, pela prefeitura", observa o geólogo.

A Polícia Florestal de Sorocaba autuou, em maio, o encarregado João Sena César, que coordenava o trabalho de corte das pedras



Matacões: enormes rochas de granito na região entre Itu e Jundiá



José Maria Tomazela/AE

Corte do matacão: exploração para a fabricação de paralelepípedos

para um empresário de Itu, na Fazenda Marzagão. A extração foi considerada irregular porque, além de não ter sido apresentada a licença, a retaliação das pedras implicou na destruição da mata junto ao Rio Piraí, que abastece as cidades de Itu e Salto.

Fiscalização — De acordo com a coordenadora de projetos do interior da Fundação SOS Mata

Atlântica, Maria Lúcia Ribeiro, o problema agrava-se por falta de fiscalização. "Os cortadores invadem fazendas e colocam fogo nas matas para localizar as pedras", disse. O problema social é ainda mais grave. "Existe trabalho em regime de semi-escravidão e a exploração de mão-de-obra infantil", alertou. São mais de 300 trabalhadores, que ganham menos de R\$ 10,00 por dia.